

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LEILSON DE MORAES GALENO

**A CIDADE, O FUTEBOL, SOCIALIZAÇÃO E LAZER EM LUÍS CORREIA – PI
(1992-2014)**

PARNAÍBA

2017

LEILSON DE MORAES GALENO

**A CIDADE, O FUTEBOL, SOCIALIZAÇÃO E LAZER EM LUÍS CORREIA – PI
(1992-2014)**

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado como requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador(a): Prof(a). Ms. Erasmo Carlos de Amorim Morais

PARNAÍBA

2017

G153c Galeno, Leilson de Moraes
A cidade, o futebol, socialização e lazer em Luís Correia
– PI (1992 - 2014) / Leilson de Moraes Galeno. – 2017.
43 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do
Piauí – UESPI, Licenciatura Plena em História, 2017.
“Orientador Prof. Ms. Erasmo Carlos de Amorim Moraes.”

1. Futebol. 2. História. 3. Lazer. 4. Luís Correia.
5. Cidade. I. Título.

CDD: 981.22

LEILSON DE MORAES GALENO

**A CIDADE, O FUTEBOL, SOCIALIZAÇÃO E LAZER EM LUÍS CORREIA – PI
(1992-2014)**

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado como requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador(a): Prof(a). Ms. Erasmo Carlos de Amorim Morais

Monografia aprovada em ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador(a): Prof(a). Ms. Erasmo Carlos Amorim Morais

1º Examinador(a): Prof(a).

2º Examinador(a): Prof(a).

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo incentivo diário, aos meus amigos, namorada e familiares, por jamais terem me abandonado e ao Senhor Deus, em quem nunca deixei de confiar.

AGRADECIMENTOS

Gostaria aqui de agradecer a todos os envolvidos que estão ligados direta ou indiretamente na construção deste trabalho. Muito obrigado mesmo, só vocês sabem o quanto foi difícil para mim. Aos meus professores no decorrer do curso, pois me motivaram a estudar e ver que temos que conhecer até o que não aprovamos ou gostamos. Sou muito grato por isso! Ao professor André Aguiar pelas palavras fora das aulas que ouvi com atenção foi de suma importância. A você, Erasmo Amorim, pela orientação para que fosse concretizada esta monografia árdua e custosa, por todos os conselhos e dicas de leitura. A professora Mary Angélica que apesar de poucos encontros mostrou em cada um deles o caminho para o enriquecimento do TCC. E não poderia esquecer de uma pessoa que conheci antes da universidade, mas que no curso se mostrou ser um grande amigo: Jair Rodrigues, camarada, sem sua ajuda não seria possível. Bom, e a essa turma que tive a honra de fazer parte, galera vocês são demais! O melhor deixei para o final, família obrigado! Minha mãe D. Socorro quero deixar aqui registrado que desde pequeno você me ensinou que estudar era preciso, justo pra mim que só queria uma carroça, não é dessa vez que vou ser o Dr. Leilson, mas sei que você se orgulha de mim assim como eu sempre me orgulhei e continuarei me orgulhando de você. Meu Pai Sr. Luiz, você é meu herói, tenho muito orgulho da pessoa que é, trabalhador, honesto, justo... E por aí vai, obrigado por me ensinar um pouco do que você aprendeu com a vida. Pra não perder o costume: “Pai? Cadê a mãe?”... Aos meus irmãos, só por eles serem meus irmãos mesmo. A minha namorada Geísa pelo apoio no decorrer do curso, ajuda dada em toda a construção deste trabalho, muito obrigado! Agradeço a todos!

“Na Europa o futebol é entretenimento entre classes, no Brasil é o analgésico do povo.”

RESUMO

Esta monografia tem como proposta a cidade, o futebol, a socialização e o lazer em Luís Correia – PI (1992 a 2014). O referente estudo traz em si o seguinte objetivo geral: entender o processo em que a cidade de Luís Correia teve desde sua formação enquanto cidade. E com os objetivos específicos: analisar as práticas culturais em seu cotidiano e a importância da memória na construção da história do município. Além disso, recorreu-se a alguns teóricos de renome para dar mais propriedade ao estudo, como Laraia (1932), Le Goff (1990), Dias (2012), Rego (2010) e Nascimento (2010). Este apanhado de bibliografias possibilitou conhecer outros estudos já realizados sobre o tema em questão. Como instrumento de pesquisa foi utilizada a entrevista, com perguntas voltadas à temática em estudo. Percebendo assim como a cidade se apodera de tal prática, associando ao futebol e como foi seu desenvolvimento, observando a modificação do incentivo público e privado dentro da cidade, sua evolução e retrocesso em seu caminho esportivo e a visão dos desportistas ao analisar as condições em que se encontra o futebol dentro da cidade.

Palavras-chave: Futebol. História. Lazer. Luís Correia. Cidade.

ABSTRACT

This monograph proposes the city, football, socialization and leisure in Luís Correia - PI (1992 to 2014). The referent study has in itself the following general objective: to understand the process in which the city of Luís Correia has had since its formation as a city. And with the specific objectives: to analyze the cultural practices in its daily life and the importance of the memory in the construction of the history of the municipality. In addition, some well-known theorists were used to give more ownership to the study, such as Laraia (1932), Le Goff (1990), Dias (2012), Rego (2010) and Nascimento (2010). This collection of bibliographies made it possible to know other studies already carried out on the subject in question. As a research instrument, the interview was used, with questions focused on the subject under study. By perceiving how the city seizes such a practice, associating football and how it was developed, observing the modification of the public incentive and depriving within the city, its evolution and regression in its sport path and the vision of the sportsmen when analyzing the conditions in Which is football inside the city.

Keywords: Football. History. Recreation. Luís Correia. City.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 LUÍS CORREIA E SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS	12
1.1 A importância do passado	12
1.2 O Trabalhador/Lazer/Cidade	16
2 HISTÓRIA E MEMÓRIA: CONSTRUINDO O FUTEBOL EM LUÍS CORREIA	21
2.1 O futebol como uma invenção: da elite para os campos operários/relação futebol e trabalhadores	21
2.2 A história Oral, contribuição à história futebolística de Luís Correia	23
2.3 A iniciativa privada no esporte em Luís Correia	26
2.4 Problemas sociais e a decadência esportiva	27
2.5 O futebol através dos campos de várzeas	28
2.5.1 Campo do Santa Luzia	29
2.5.2 Campo do Piauí	29
2.5.3 Campo das Flores	30
3 O FUTEBOL ATRAVÉS DO ESTÁDIO MUNICIPAL MANOEL FREITAS SOARES	32
3.1 A homenagem	32
3.2 O estádio em Construção	33
3.3 A utilização do Estádio	35
3.4 O Campeonato	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda uma vertente da cidade que começou a ter maior visibilidade nos anos 90 quando o futebol se tornou imprescindível na sociedade. O estudo, a princípio, mostrou-se intrigante por falta de historiografia escrita, entretanto, no decorrer o trabalho se tornou bastante interessante por se tratar do futebol dentro da cidade de Luís Correia-PI. A pesquisa só foi possível com a ajuda da história oral, a qual possibilitou a construção deste trabalho. Paul Thompson a apontou como uma válvula de escape, com seu livro “A voz do passado”, que ensina a trabalhar com as entrevistas, o que permitiu a condução da pesquisa, deixando assim o trabalho viável para a sua continuação. A memória dos esportistas deu as condições necessárias para o desenvolvimento do estudo em questão.

As narrativas dos entrevistados possibilitaram que fossem capturadas as histórias que até então estavam nas memórias das pessoas que presenciaram esses momentos, os estilhaços de memórias dos entrevistados contribuíram para contar a história do esporte em Luís Correia. As leituras do livro “Espaço da recordação”, de Aleida Assmann, permitiu o trabalho com as memórias. A história cultural também permite uma análise mais profunda por trabalhar com as micro-histórias, onde o fragmento age mais próximo das pessoas para capturar as narrativas que antes eram apenas contadas.

“História dos grandes heróis: os grandes personagens da história oficial” lançou um novo olhar sobre as personalidades e subjetividades, o qual foi conquistado com a nova história cultural que, aproximando-se das mentalidades, das memórias e do cotidiano, permite contar a história de um novo jeito.

Luís Correia é uma cidade de grande importância no desenvolvimento do estado, já que foi um ponto disputado até pelo estado vizinho. Os crescimentos das cidades se dão por vários fatores e, para abordar o tema escolhido, este trabalho partirá da análise de textos e narrativas dos praticantes de esporte no município. Além disso, buscará destacar e entender como a cidade se apropria de tal prática para seu desenvolvimento, haja vista que a prática esportiva em pequenas cidades acontece como forma de diversão de crianças, adolescentes e adultos.

O esporte dentro da cidade já acontecia bem antes do recorte temporal desta pesquisa, que vai de 2000 a 2014, pois os campeonatos de futebol se promoviam em vilarejos, organizados por moradores, e se transformavam em atrações. Esses pequenos torneios foram

se tornando verdadeiras febres dentro da cidade, times foram se formando para as disputas futebolísticas e em algumas décadas o campeonato luís-correiense tornou-se o principal campeonato da cidade.

Para que o futebol dentro de Luís Correia se desenvolvesse, os campos de terras tiveram uma grande contribuição. São três os campos que se destacaram: o campo das flores onde hoje é o estádio “Duduzão”, nome este dado para um ilustre cidadão que fez o esporte crescer na cidade (O Sr. Dudu), pois foi um vereador que investiu no esporte; o segundo, campo do Santa Luzia, que fica na entrada de Luís Correia, divisa com Parnaíba; e o terceiro o campo do Piauí. O futebol na sua totalidade é a prática mais comum dentro do esporte, o que deixa claro na fala o autor Dias:

Cidades às vezes distantes do que se supõe o centro irradiador de um ideário de progresso, pouco ou nada urbanizadas, conheceram também, ainda que à sua maneira, uma sociabilidade ligada aos esportes. Isso difere, portanto, da imagem de isolamento, que tão caracteristicamente marca as representações sobre o sertão brasileiro. (DIAS, 2012, p. 35)

A partir desta análise observou-se que o desenvolvimento esportivo se dá mesmo antes do crescimento social e econômico da cidade. Assim como em outras cidades do Brasil, em que a prática esportiva traz à sociedade uma visão de progresso e urbanização.

1 LUÍS CORREIA E SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS

1.1 A importância do passado

A cidade que hoje é chamada de Luís Correia¹, já foi vila, Vila de Amarração tendo se desenvolvido em torno da beira mar, e que um dia poderá ter um porto marítimo, visto que já recebia barcaças vindas do Ceará, Maranhão, Pernambuco e Pará. Além de grandes navios vindos da Inglaterra e Guiana Francesa, que ancoravam próximo à costa de Amarração, por onde passavam os produtos de importação e exportação, e assim, para se consolidar, precisava de um porto, que, para Rego:

Percebe-se que os argumentos a favor da construção do Porto de Amarração foram muitos. No século XX, cronistas dos jornais dão notícias de iniciativas promovidas pelas autoridades públicas, anunciando propostas de unir os sistemas de transporte: o ferroviário e o fluvial, culminando no porto marítimo. Consta no artigo O município de Amarração, publicado no Almanaque da Parnaíba de 1927 (p.31), o presidente Eptácio Pessoa decretou, em 1922, a construção do Porto de Amarração, tendo sido efetuada a compra do material necessário – do qual grande parte foi depositado em Amarração. A obra, entretanto, sequer foi iniciada. (REGO, 2010, p. 98)

O vilarejo foi praticamente destruído devido às grandes marés, bem como às dunas que adentravam as casas, deixando os habitantes sem abrigo, caso ocorrido em 1888. Dessa forma, os habitantes eram obrigados a migrar para áreas mais distantes das praias e marés. O vilarejo de Amarração já teve vínculos com o Estado do Ceará em constantes transações comerciais e pagamento de impostos. No entanto, em 1931, perdeu autonomia, integrando-se ao município de Parnaíba, conforme consta no comunicado expedido pela Universidade Federal do Piauí, Sobre a fundação de Luís Correia, Comunicado nº 369, de 10/02/14.

Embora pertencente ao Piauí, Amarração foi assistida por padres de Granja, no estado do Ceará, passando os habitantes do povoado a fazerem transações comerciais e a pagarem os impostos naquela cidade. O fato motivou a Assembleia Provincial do Ceará, em 1865, a elevar o povoado à categoria de distrito, com limites fixados em 1870. Em 1874, por deliberação cearense, Amarração foi elevada à categoria de vila. O Governo do Piauí reivindicou

¹ O município de Luís Correia-PI, pertence à Microrregião homogênea do Baixo Parnaíba Piauiense. Limita-se ao Norte com o oceano Atlântico, ao Sul com o município de Cocal, a Leste com o Estado do Ceará e a Oeste com o município de Bom Princípio do Piauí. Localizado a 2° 52' 42'' de latitude Sul e 41° 40' 12'' de longitude Oeste.

seu território, readquirido em 1880, por determinação do Governo-Geral, em troca de dois importantes municípios, Independência e Príncipe Imperial, hoje Crateús. Em 1868 foi iniciada a construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, concluída em 1879, então como matriz e com a ajuda de imigrantes cearenses da seca de 1877. Amarração foi o primeiro município do Piauí a libertar escravos, por iniciativa do comendador Joaquim Rodrigues da Costa que, em 1886, liberou os 14 que possuía. A vila desenvolveu-se rapidamente. O porto marítimo recebia pequenos vapores do Maranhão, Pará, Ceará e Pernambuco e navios de longo curso da Guiana Francesa para a Inglaterra. As companhias de navegação construíram sólidos e espaçosos armazéns. Em 1888, parte da localidade foi destruída por grandes marés, agravada pelas dunas, obrigando os habitantes a deixarem suas casas e o próprio lugar. Posteriormente, em 13 de maio de 1922, foi inaugurada a estação da Estrada de Ferro Central do Piauí e em 12 de agosto do mesmo ano, o presidente Epitácio Pessoa autorizava a construção do porto. Em 1931, Amarração perde a autonomia, passando a integrar o município de Parnaíba, como distrito. E, em 1935, teve o nome mudado para Luís Correia, em homenagem ao ilustre homem público jornalista e literato, Luís Morais Correia, nascido no município. Três anos mais tarde, readquiriu a autonomia administrativa, tendo como sede a cidade de Luís Correia. (Comunicado nº 369, 2014)

Dessa forma, a construção do porto de Luís Correia, contribuiria para a melhoria da transição de produtos, como também unificaria os modos de transportes. A chegada do porto e da estrada de ferro faria com que agilizasse a chegada e a distribuição dos produtos, que vinham através dos navios, assim como os produtos que daqui desembarcavam, tanto por terra como por mar. A princípio, os principais produtos que daqui saíam eram de pecuária, couros, peles, gado para corte, depois produções agrícolas como arroz e algodão e produtos do extrativismo vegetal como a borracha de maniçoba, cera de carnaúba e o coco babaçu.

Os grupos que dominavam a cena econômica e política em Parnaíba foram sistematicamente, investindo em instituições e empreendimentos, que viabilizassem a atividade extrativo/exportadora. No século XX, à medida que as atividades econômicas permitiam, e se constituía uma elite mais ilustrada, ciosa de investimentos, foram viabilizadas instituições e obras que traduziam o sentido de pertencimento da cidade ao mundo moderno. (TOURINHO, 2013, p. 4)

Dessa forma, a melhoria da infraestrutura da cidade viria com a construção do porto, ajudando, assim, a navegação de grandes navios, e conseqüentemente a construção da estrada de ferro para o transporte dos produtos. E para obter mais autonomia, a alfândega de Parnaíba supria a necessidade de outro estado como, por exemplo, o Maranhão, que por sua vez, os produtos que eram desembarcados em Tutoia vinham para o Piauí.

O Piauí passou por mudanças em sua economia, já que a pecuária perdeu espaço para o extrativismo vegetal e essa reformulação alterou a estrutura social e econômica. A história econômica de Parnaíba se mistura com a de Luís Correia (antiga Amarração), já que seus caminhos se cruzam em seu desenvolvimento, e não se pode falar de sua economia atual sem antes fazer uma alusão ao seu passado. A economia era de subsistência e por um longo período essa foi a sua fonte de riqueza. A maior parte dessa produção tinha o destino determinado pelas águas, como afirma Motta:

Os produtos nativos e derivados da pecuária, já constantes da pauta de exportação, eram suficientes para viabilizar o porto, uma vez que essas mercadorias podiam ser transportadas por balsas de buriti, canoas à vela, barcas, barças e vapores através do rio Parnaíba e/ou por trem até o Porto de Amarração. Antes da navegação a vapor, vários tipos de embarcações trafegavam pelo rio Parnaíba e o litoral piauiense: pataxós, iates, alvarengas, sumacas, escunas, brigues, fragatas, bergatins, galeras, canhoeiros e vasos de guerra: todos utilizavam vela. A navegação a vapor teve a forte concorrência dos barcos que faziam o comércio ao longo do rio Parnaíba. (MOTTA, 2010, p. 106)

Nesse período, o mundo passou por muitas mudanças, nas quais os avanços tecnológicos cada vez mais eram símbolos de desenvolvimento, e o Brasil, a passos lentos, buscava trazer esse progresso para si. Assim, com a chegada da energia e o transporte em maior quantidade e com a vinda do trem ao Brasil, o país começa a avançar e a tornar-se um grande produtor de café no Sul, látex no Norte, cana-de-açúcar no Nordeste, além da aproximação com a Europa, fator que proporcionou um incremento nas trocas de mercadorias, isto é, importação e exportação de produtos.

A partir de 1922, o transporte de mercadorias receberia um aliado que facilitaria bastante seu escoamento para Parnaíba, o “porto de Luís Correia”, cuja estrutura promoveria a distribuição não só dentre os comerciantes da cidade, mas também para o sul do estado e demais estados vizinhos. Assim, é possível entendermos essas alterações nos avanços de técnicas de transportes, tecnológicos e na comunicação, bem como perceber que essas ideias começaram a ser cogitadas não só no século passado, mas bem antes.

Desse modo, o desenvolvimento havia chegado e, com ele, o crescimento das cidades. Assim, a forma de viver e se ganhar a vida tinham se modificado, o trabalho na roça e através de carroças migraram para as novas carreiras, e muitas delas envolviam o trem ou outros meios de transporte, como os novos barcos de pesca ou de condução de produtos. O “Livro do centenário da Parnaíba” cita como estava a situação industrial e do comércio.

O desenvolvimento econômico do Piauí, no desdobramento das suas atividades comerciais e industriais, está dependendo, hoje como ontem, de solução de três problemas: a) construção do porto de Luís Correia, b) perfeita navegabilidade do rio Parnaíba, c) continuação, até Teresina pelo menos, da estrada de ferro. (Livro do centenário da Parnaíba, 1944, p. 365)

Esse era o resultado esperado, pois, sem ter porto, estrada de ferro e nem rio navegável, Luís Correia continuaria sendo uma cidade pequena. Ideia essa que parecia esboçar mudanças, pois já havia a alfândega, a estrada de ferro, um rio navegável e o início do “esqueleto” do porto. A produção do Piauí passaria pela alfândega de Parnaíba, que era um ponto de comercialização, e pelo porto de Amarração (Luís Correia), que se tornaria a principal via de escoamento Piauiense. Conforme citado anteriormente, Queiroz diz:

Os ensaios de integração da economia piauiense ao mercado internacional, tentados desde o século anterior, vieram a dar seus frutos durante a primeira metade do século XX. Ao longo de cinco décadas, a dinâmica da economia foi dada pelas exportações de produtos extrativos - borracha de maniçoba, cera de carnaúba e babaçu – que sobrepujaram e alteraram a função até então exercida pela atividade pecuária. Se por mais de dois séculos, a base da economia do Piauí fora a criação de gado e à volta dela apenas desenvolvera-se rudimentar agricultura de subsistência, na primeira metade do século XX o estado concretiza o objetivo de integração ao modelo nacional, passando a ocupar um lugar mais ativo no âmbito da divisão internacional do trabalho. (QUEIROZ, 2006, p. 31)

Para tanto, o porto de Luís Correia seria imprescindível para concretizar a integração do modelo nacional, e se colocar de vez como o principal ponto de partida e chegada dos produtos pelo porto.



Foto 1: Vista aérea do porto de Luís Correia, site “Natureza Brasil”, 15/10/2015

De acordo com a foto é possível perceber a obra que seria a principal área de escoamento marítimo do estado do Piauí, o “Porto de Luís Correia”, ponto ideal para que navios de grande porte atracassem com facilidade e segurança, estrutura que seria de suma importância para o crescimento econômico do estado.

1.2 O Trabalhador/Lazer/Cidade

A cidade de Luís Correia se formou através da pesca e de um número considerável de imigrantes, em sua grande maioria pescadores, os quais são obrigados, por falta de trabalho, a saírem de suas localidades e procurarem melhores condições de vida, abandonando sua terra natal, formando, assim, a cidade.

[...] o entendimento de modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar, e de se divertir dos moradores que, com suas ações, estão impregnando e constituindo a cultura urbana. Assim, agindo os moradores deixam registrados ou vão imprimindo suas marcas no decorrer do tempo histórico, marca que traduzem a maneira como se relacionam ou constituíram seus modos de vida nesse cotidiano urbano. (NASCIMENTO, 2010, p. 184)

É a partir desse paradigma que se constroem as relações sociais com o convívio diário, estabelecendo uma cultura urbana. O crescimento de Luís Correia se deu nos arredores de uma igreja, onde foi feita sua rua principal com instalações como a Câmara de Vereadores, o fórum, o cartório e o banco.

Os moradores, a partir do ano de 1922, com obras como o porto e a estrada de ferro, passaram a trabalhar além da agricultura e da pesca, em empresas contratadas para a infraestrutura de tais construções. O processo de urbanização do litoral foi se intensificando, o trabalhador saiu da pesca e agricultura para se aperfeiçoar em novas profissões.

Empreiteiras que vieram para a construção do porto e da estrada de ferro buscaram por mão de obra barata para trabalhos diversificados. Santos² coloca que:

Quando as estradas de ferro estavam sendo construídas foram atraindo diversos trabalhadores em busca de trabalho assalariado ou migrantes assolados pelas estiagens e secas que aconteceram no Piauí, entre os anos de 1900 a 1930. Nesse período o governo do estado e federal tomaram algumas

² Fernando Emilio Alves Dos Santos

providências, ou seja, contrataram muitos destes assolados para os ramos de construções, incluindo a estrada de ferro.

Dessa forma, os trabalhadores encontraram uma oportunidade de trabalho com salário garantido, diferente da pesca e agricultura, as quais dependiam da natureza. Fazendo o trabalhador³ se aventurar no ramo de construção, trabalhos pesados e rotinas totalmente diferenciadas do que estavam acostumados, esse era o novo cotidiano no decorrer desse período. Assim, as profissões foram se diversificando, bem como o dia a dia.

A mão de obra era vasta, mas sem qualquer preparo, pois muitos eram analfabetos ou semianalfabetos, exercendo trabalhos de eletricitas a maquinistas. A imigração não atracou apenas trabalho no porto, o lazer se modificou em meio a tanta mudança. A integração com os ingleses se tornou cada vez maior, bem como estes começaram a vir para o Piauí, assim como os piauienses foram para a Inglaterra estudar. Como coloca Rego “com o intercâmbio comercial, famílias mais abastadas começaram a mandar seus filhos para estudarem em escolas europeias”⁴.

As influências estrangeiras se tornaram cada vez mais comuns no cotidiano, sobretudo devido ao contato com os ingleses e sua cultura, A arquitetura da cidade sofreu mudanças como podemos ver nas construções das estações do trem.



Foto 2. Estação Ferroviária de Luís Correia. Fonte: Acervo Depam/ IPHAN

³ Neste contexto, Santos coloca que os trabalhadores são homens e mulheres.

⁴ Junia Rego. Página 230

A foto revela a influência europeia⁵ em sua construção, fazendo com que o aspecto da cidade fosse sofrendo modificações no decorrer dos anos.

O início do século XIX, com o auge das exportações, marcou um novo tempo o da expansão ferroviária do Brasil, influenciado pela industrialização europeia, produzindo o élan da adoção de inovações técnicas. Na arquitetura, este momento é marcado pela implantação do estilo eclesiástico*, que passa a dominar o cenário urbano* com sua variação de tipologias estilísticas, adotando e retomando características arquitetônicas dos chamados “neo”: Neocolonial, Neogótico, Neobarroco. (REGO, 2010, pág. 222)

Essa relação se faz mais presente desde a chegada de um novo esporte inventado por ingleses, o futebol, jogo esse que chegou ao Brasil no século XIX. Em sua chegada ao país, o esporte foi inicialmente praticado por uma pequena parcela elitizada do Brasil, um esporte que poucos podiam desenvolver.

Em seu desembarque no Brasil, o jogo trouxe consigo as regras e o modo a ser praticado e sua nomenclatura dada por seus criadores ingleses como coloca Junia Rego: “O goleiro era goal-keeper, os zagueiros full-backs; os de meio-campo, half-backs; os dianteiros, fowards; impedimentos, off-side; bola, match, e o campo, field.” (P. 233)

Podemos notar que a terminologia dada na composição do futebol não foi traduzida de imediato. O esporte ganhou grandes motivadores na época as instituições comerciais⁶, os quais conciliaram a transação comercial com o cultivo do futebol. Essa interação trouxe consigo para a região, incluindo Parnaíba, a construção do estádio na primeira década do século XX.

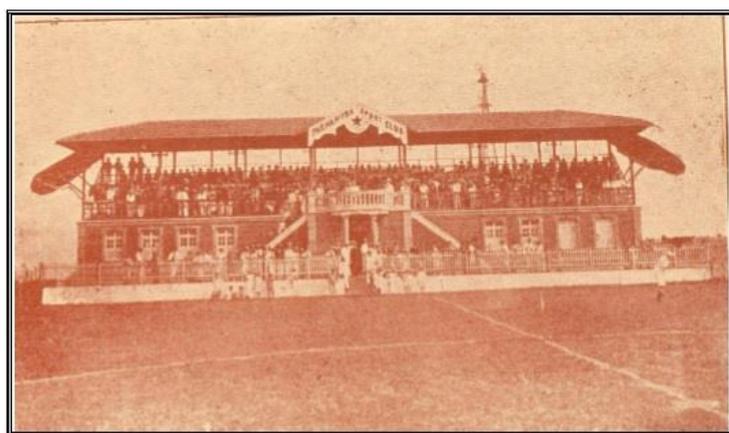


Foto 3. Parnaíba Sport Club. Fonte: Almanaque da Parnaíba (1926)

⁵ O edifício apresenta linhas características da arquitetura ferroviária da época, ligada ao ecletismo e ao romantismo. Conhecida como “Mão Francesa”.

⁶ Eram elas a Casa Inglesa e a companhia de navegação Booth-Line, ambas empresas com sedes em Liverpool.

Um olhar atento sobre a foto o estádio do Parnaíba Sport Club⁷, revela na construção que a influência inglesa não ficou apenas nas casas, sobrados, prédios, etc. Mas também teve muita atuação na estrutura física do estádio, constituída com metal, pedra, grades e uma estrutura para cobrir os expectadores, protegendo-os, assim, dos efeitos da natureza.

O futebol foi tomando uma dimensão que não se podia imaginar dentro do cenário nacional,⁸ e no Piauí⁹ não foi diferente. Parnaíba se tornou um destaque nesta chegada ao estado, por ter fundado em 1917 a primeira liga de futebol e por representar em campeonatos nacionais. Uma razão que aproximou foi A Liga de Esportes Terrestres de Parnaíba, a qual era dirigida pelo Dr. João Tavares da Silva.

O panorama começa a mudar, o futebol inicia assim uma nova etapa em sua inserção a novos clubes¹⁰ em Parnaíba, tornando o campeonato mais competitivo. O futebol começou a ser praticado no cotidiano, e, dessa forma, os clubes que se fortaleciam através dos operários. A visão de um esporte elitizado se desfez durante este período, mas só nas décadas de 50 e 60. Nesse momento, o olhar para o futebol vai colocá-lo como um esporte que venha a ser praticado por todos.

Teresina se apropria de tal prática em seus meios social, econômico e político durante os anos 70. Como cita Moura:

Os espaços da prática esportiva, os times, os discursos jornalísticos, as torcidas organizadas e a intervenção do poder público montam o universo do futebol na capital teresinense. O estádio Albertão nesse contexto é tido como um lugar de memória do processo de urbanização/modernização vivenciado na cidade por seus habitantes no período estudado, pois sua construção deu-se nesse período. Torna-se um templo ritualístico importante para a construção da memória dos grupos que vivenciaram o futebol na capital.

A capital piauiense incorpora os espaços para as práticas esportivas, implantando na cidade a interação de lazer e o esporte, tomando como exemplo O Estádio Governador

⁷ O estádio do Parnahyba Sport Club, que pertencia ao grupo econômico Moraes S/A.

⁸ O futebol foi introduzido no Brasil por Charles Miller, no começo do século XIX.

⁹ O futebol chegou ao Piauí, como esporte de elite, por volta de 1905, através de ingleses, em Parnaíba, município localizado no litoral do Estado.

¹⁰ Neste período tiveram atuação: Esporte Clube Fluminense (14 de julho de 1927), Paissandu Esporte Clube (12 de agosto de 1928), Flamengo Esporte Clube (14 de outubro de 1928), Belga Esporte Clube (14 de novembro de 1940), Ferroviário Atlético Clube (6 de julho de 1946), Santos Futebol Clube (01 de maio de 1952), Sociedade Esportiva Palmeiras (14 de setembro de 1967), Cruzeiro Esporte Clube (07 de dezembro de 1972), Sociedade Esportiva Vasco da Gama (20 de março de 1974), Sociedade Esportiva Figueirense (18 de outubro de 1979), Litorâneo Esporte Clube (08 de agosto de 1980), etc.

Alberto Tavares Silva, mais conhecido como Albertão que foi inaugurado em 26 de agosto de 1973 como uma simbologia nesse processo de urbanização na construção da memória do futebol em Teresina.



Foto 4. Estádio Albertão na década de 70. Fonte Reprodução/Arquivo Cid Dias

O processo de receptividade com os clubes locais pelos torcedores não demorou nada, os investimentos feitos por cada agremiação seguem ganhando cada vez mais incentivo de diversos setores. Os noticiários do Jornal do Piauí acompanharam todo o processo.

O governador Alberto Silva, em entendimento pessoal com o Sr. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, assegurou a participação do Piauí no Campeonato Nacional de Futebol do corrente ano. Para tanto, o chefe do executivo piauiense afirmou ao dirigente máximo da CBD que o Estádio Albertão estará em condições de receber um público de 40 mil pessoas quando do início do certame. (JORNAL DO PIAUÍ, 14 de abril de 1973, p. 5)

O jornal do Piauí noticiou o passo a passo das obras do Albertão, exaltando o futebol dentro da capital piauiense, os times¹¹, os clássicos e os campeões¹². E assim a história do futebol foi sendo escrita no Piauí, deixou de ser da elite para ser de todos! Tornando-se uma paixão nacional.

¹¹ Como é citado no trabalho de Maria do Socorro de Sousa Cruz: Análise da trajetória do futebol piauiense: da época áurea à decadência. Na capital, os times Piauí Esporte Clube, de agosto de 1948; Flamengo do Piauí, do fim de 1937 e o River Atlético Clube, fundado em 1946, Sociedade Esportiva Tiradentes 30 de junho de 1959. Dentre outros.

¹² Cruz relata que na capital piauiense a história foi escrita pelo River Atlético Clube, que perdeu apenas dois campeonatos (1949 e 1957), no período de 1948 a 1963.

2 HISTÓRIA E MEMÓRIA: CONSTRUINDO O FUTEBOL EM LUÍS CORREIA

2.1 O futebol como uma invenção: da elite para os campos operários/relação futebol e trabalhadores

O esporte¹³ é uma invenção do homem moderno, quando se tinha um grande número de gente desempregada, concentrada nos centros das grandes cidades. Inseridos nesse contexto e devido a alguns fatores, os trabalhadores, através de lutas sindicais, passam a conseguir vitórias frente a burguesia, a qual teve de ceder direitos a eles, como a redução da jornada de trabalho.

O futebol ganhou mais viabilidade por conta da sua facilidade, haja vista que é um esporte coletivo e que abrange várias classes sociais dentro de um mesmo espaço físico, – o campo, mais especificamente – correndo atrás de uma bola. Essa característica do esporte ora citado propiciou a sua inserção no cotidiano de diversas formas, incorporando-o, assim, à cultura do brasileiro.

Nas grandes cidades, em certo momento, a elite sentiu a necessidade de pensar algo que passasse a ocupar o tempo das pessoas tanto desempregadas como empregadas a fim de conter as manifestações. Além disso, com mais tempo disponível para os trabalhadores no que tange ao lazer, foi pensado um novo tipo de negócio direcionado à diversão das pessoas, em que o consumo viesse a ampliar e entreter esse novo público com mercadorias voltadas para o setor econômico que surgia. Nesse sentido, esses novos consumidores passam a se dedicar à diversão e ao lazer por terem mais tempo livre, legitimando, assim, as práticas esportivas. Essa ideia do homem moderno:

Do ponto de vista do homem moderno habitantes das grandes cidades, parece que o tempo de lazer havia aumentado, e ele podia dedicar-se mais às diversões e ao consumo. Neste sentido, não só a ampliação do sistema de exposição e venda de mercadorias foi decisivo, mais também a abertura de novos negócios voltados ao aproveitamento do tempo livre e de lazer do homem moderno. (O colonialismo como a glória do império, (DE DECCA, 2000, p. 160)

¹³ Valter Bracht (2005) define o esporte moderno como uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo além de abarcar outras características como rendimento físico-técnico, record, racionalização e cientificização do treinamento. Neste estudo, entretanto, trataremos do futebol amador como jogo, no sentido deste como elemento da cultura, vivenciado de forma lúdica, nos quais as regras podem ser modificadas pelos participantes.

Sendo assim, a diversão dos trabalhadores passa a necessitar de atenção especial, pois, nesta nova realidade das grandes cidades, a diversão, além de ser uma possibilidade de ganhar dinheiro, mantinha os trabalhadores ocupados e se divertindo, diminuindo as revoltas contra a burguesia, bem como criando um ambiente de conformismo dentro das classes populares.

O próprio país ainda está em busca de seu posicionamento, em constante mudança, tentando se encaixar de forma mais concreta na economia mundial globalizada. O desenvolvimento histórico demonstra que a industrialização tardia comprometeu de certa forma a inserção do Brasil no cenário internacional. Ao mesmo tempo em que o país, como economia agrária exportadora teve uma importância fundamental em determinado período e continua tendo ainda de alguma forma, a nova realidade industrial globalizada determina um modo diferente e dinâmico de se incluir no mercado mundial. (Helal/ Cabo /Silva, 2010, p. 3)

O esporte, conforme as cidades vão se desenvolvendo e os centros urbanos se formando, cresce e se concretiza ao passo dessa evolução urbana. As cidades são um produto da burguesia e configuram-se como um espaço em que se verifica um acentuado aumento populacional por conta das fábricas que precisam de mão de obra disponível para a manutenção do capital através da mais valia. Nesse contexto, os espetáculos são inventados pela burguesia como uma forma de satisfazer à classe ociosa. Ao mesmo tempo em que essas invenções se intensificam nas grandes cidades, elas proporcionam uma sensação de alívio e bem-estar na elite:

Teatro, casa de espetáculo, circos, atrações esportivas (...) foram se multiplicando para o deleite e o prazer das classes ociosas, que podiam usufruir desses passatempos urbanos. Até as classes populares aos poucos foram conquistando um tempo maior de lazer como resultado de suas batalhas sindicais pela redução das jornadas de trabalho fabril. (DE DECCA, 2000, p. 160)

Com as conquistas que tiveram as classes populares através de batalhas sindicais pelas jornadas de trabalho, as quais possibilitaram melhores condições de vida para os trabalhadores que agora usufruem de sua vitória reorganizando seu cotidiano e vivendo de forma melhor a diversão passa a fazer parte do seu tempo destinado ao descanso e ao lazer. Nesse sentido, com mais tempo livre o trabalhador também gasta uma parte do seu tempo com lazer e diversão tentando fugir do desgaste do trabalho pesado. O esporte nasce nesse meio conturbado de luta e glória com uma intenção de servir como uma válvula de escape

tanto para a burguesia como para as classes populares, o espetáculo que o esporte proporciona às pessoas das grandes cidades tem o objetivo de agradar aos olhos de quem legitima esse produto do homem moderno.

Quando se pensou em um Brasil nação também foram pensados meios culturais para fazer as pessoas se sentirem pertencentes àquele meio cultural. As pessoas nascem e crescem no meio familiar onde seus pais irão inculcar todo um aparato de regras e costumes comuns àquele determinado grupo, o qual irá possibilitar a construção da subjetividade do sujeito, haja vista que o indivíduo já nasce sendo sujeito a normas da sociedade. Como falar Laraia:

Todos sabemos que nascemos com certos poderes e adquirimos outros. Não é preciso argumentar para provar que algumas coisas de nossas vidas e constituição provêm da natureza pela hereditariedade, e que outras coisas nos chegam através de outros agentes com o quais a hereditariedade nada tem que ver. (LARAIA, 1932, p. 38)

O autor esclarece que uma pessoa que nasce no meio familiar e herda uma herança cultural, por exemplo, alguém que está envolvido em uma atividade da pesca vai interpretar o mundo diferente daquela que nasceu em uma família com tradição em uma carreira de advogados. Diante disso está a invenção do esporte, que foi algo planejado para que o indivíduo viva e pense uma atividade a qual requer um esforço físico e mental muito grande e que envolve as cores, a bandeira, honra à camisa, a sensação de vencer ou a decepção do fracasso. Portanto, existe todo um ambiente criado em torno do esporte para que as pessoas se sintam satisfeitas ou com necessidade de satisfazer essa sensação. Esporte é um lugar no qual as múltiplas personalidades convivem ao mesmo tempo.

2.2 A história Oral, contribuição à história futebolística de Luís Correia

A história do esporte em Luís Correia por muito tempo foi contada por aqueles que o praticavam e o testemunhavam. Esta situação prossegue assim e, dessa forma, não existe registro como trabalhos acadêmicos como uma forma de preservar a memória daqueles amantes do esporte na cidade. Entretanto, essa narrativa só é permitida pelos discursos dos próprios jogadores que se encarregam de repassar como ocorriam as histórias do futebol em Luís Correia, que foram marcantes e resistiram ao tempo no imaginário dos esportistas.

O conhecimento que se cria dentro do ato de desenvolver uma atividade, seja ela esportiva ou não, se dá nos campos de experiências onde o sujeito de forma coletiva ou individual procura desenvolver suas potencialidades e habilidades. Com esforços físicos e mentais, concretiza algo que pode lhe servir em outras oportunidades à frente. Este é o chamado conhecimento presenciado, e sua construção se dá pelo meio subjetivo, em que o ambiente que o cerca influencia o modo com que o sujeito toma suas decisões, marcando assim um momento onde foi necessário toda uma desenvoltura para chegar àquele resultado no final, proporcionando um conhecimento experimentado, vivido, seguido de angústia, sofrimento, alegria e satisfação no fim de tudo.

Após o experimento vivido e presenciado tornar-se concreto, é internalizado pelo imaginário, possibilitando que o sujeito em outra oportunidade venha a repetir ou não, mas que pelo menos se aproxime da experiência do passado, objetivando obter o mesmo êxito que conquistou antes. Mediante essa situação, as comunidades não letradas ficam impossibilitadas de organizar os seus registros de memória pela escrita, como explica Le Goff:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990, P. 477)

A memória é um objeto de poder do qual a classe dominante se apropria para concretizar sua dominação. Em contrapartida, os grupos minoritários conseguiram resistir ao tempo e à dominação se opondo à memória oficial. Nesse caminho, os membros do grupo, ao criarem seus mecanismos culturais próprios longe dos projetos dos dominantes, conseguiram preservar essas experiências para que as gerações futuras também viessem a se sentir pertencentes e se reconhecessem membro daquele grupo, assegurando e legitimando a memória coletiva da comunidade.

Nesse sentido, muitas comunidades atravessaram o tempo e hoje continuam a viverem suas histórias contadas através da memória pela oralidade, passando de pai para filho, do ancião ao menino. Para tanto, é necessária a resistência para que o conhecimento não venha a se perder futuramente, pois a preservação da memória garante as gerações futuras. No esporte, esse movimento cultural não foi diferente, em que as experiências foram as bases de sustento das culturas locais, principalmente das cidades pequenas.

A história oral¹⁴ apresenta-se como um canal de grande utilidade para a proliferação desses discursos esportistas na cidade, pois é repassada de forma que venha até mesmo a atingir aqueles não amantes do esporte. A história oral é a base de sustentação a qual dá condições de impedimento para que um dia a memória se apague mediante um esforço de pessoas corajosas que, mesmo sabendo das dificuldades, persistem todos os dias nessa luta para fazerem acontecer o esporte no município frente ao desinteresse e da falta de incentivo dos poderes público e privado. Conforme podemos entender na fala de Helisomar¹⁵:

A própria secretaria de educação ela não organiza jogos estudantis que tinha de primeiro né, tinha a independência a semana da independência, tinha os jogos do dia do estudante tudo isso tinha campeonato. Hoje só tem o esporte para todos de ano a ano e o campeonato do Duduzão, acabou nosso campeonato de férias que tinha no poli esportivo em outras cidades no mês de julho, tudo acabou, tudo acabou em Luís Correia tudo acabado, a gente se sente com isso.

A falta de incentivo fez com que, no decorrer do tempo, as modalidades esportivas fossem acabando, ficando somente as mais expressivas e mais praticadas no esporte na cidade, proporcionando assim uma defasagem. Muitos atletas sentem falta das competições tanto individuais quanto coletivas, como explica José¹⁶:

Nos primeiros anos nós tivemos disputas de várias modalidades inclusive eu poderia citar algumas que infelizmente deixaram de ser praticadas: nós tínhamos um campeonato de natação, nós tínhamos o campeonato de futebol propriamente tido, nós tínhamos os esportes, é, individuais o atletismo que ao longo do tempo foi deixando de ter o valor que realmente devia ter sido dado e nós continuamos durante 26 anos vendo acontecer o esporte para todos, que no meu entender precisa ser melhorar muito porque como é praticado normalmente por estudantes, tem se parado por muito tempo e quase sempre durante uma semana, 10, 15 dias, onde paramos todo o trabalho escolar em função do chamado jogos para todos (...) dar um alerta para que a gente retome aquele espírito de disputa de maior número de modalidades e que nós tenhamos uma visão crítica no sentido de não prejudicarmos as aulas durante esse período.

¹⁴ Essa visão da história oral foi colocada a partir do olhar de Paul Thompson em seu Livro A voz do passado – História oral. A obra relata que a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

¹⁵ Helisomar Eloi Rodrigues. Natural de Luís Correia, 25/12/1961. Profissão: Professor. Entrevista realizada: 28/10/2015. A entrevista foi realizada na casa do entrevistado.

¹⁶ José Machado. Natural de Parnaíba, 23/04/1949. Profissão: Professora aposentado. Entrevista realizada: 24/11/2015. A entrevista foi realizada na casa do entrevistado.

A partir da fala vemos que se o incentivo tanto da iniciativa pública como da privada ocorresse de forma mais contundente e se estendessem às modalidades que estão ficando ao esquecimento, o esporte em Luís Correia poderia estar em um patamar mais evoluído do que este no qual se encontra atualmente, parado no tempo. Como é colocado por Assmann:

No *topos* da construção do passado há, a partir da conscientização acerca do esquecimento, uma tomada de consciência, um despertar, a recordação e o retorno. A partir dessa configuração de partida e retorno, esquecimento e recordação, temos diante de nós a imagem de fundo “Renascimento”. (ASSMANN, 2011, p. 59)

Assim, podemos colocar que, no momento em que se pensa na reconstrução do passado, passa a se esboçar um renascimento, por onde os esportes que caíram no esquecimento voltariam a ter seu espaço, através dos incentivos a tais práticas, pois estes podem reverter essa situação.

2.3 A iniciativa privada no esporte em Luís Correia

O empresário nos dias de hoje não está nem um pouco preocupado com o esporte. Quando não existe um sentimento de patriotismo nos empresários, o esporte tem muito a perder. Sendo assim, é necessário o despertar desse sentimento, que propicia a sensação de pertencimento àquele grupo cultural e de entendimento que aquela construção segue viva dentro do grupo por conta da sua ajuda. O esporte, para ser proliferado, necessita da colaboração dos indivíduos e tem plenas condições de ajudar na permanência das atividades cultural dentro do grupo. Como relata o Senhor Helisomar:

“Esse incentivo a, que fazia a gente organizar era os próprios comércios, os pequenos comércios eles patrocinavam e a gente entrava com a organização, e ele patrocinavam. A gente premiava 1º, 2º até o 10º lugar, eram jogos que todos participavam, a população de Luís Correia participava demais, aquele campo do Piauí terminou por ele né.”

Quando na cidade tem pessoas que trabalham para atingir esse objetivo de proporcionar momentos de satisfação para aqueles habitantes da cidade, então se pensa nas atividades culturais como uma forma de atração para os espectadores, melhorando a convivência dentro do grupo. Tanto a iniciativa privada como a gestão pública têm papéis

importantes nesta situação, sendo determinante para a tomada de decisões o interesse na melhoria de uma cidade nos aspectos culturais.

A cidade, além de ficar mais atraente por conta da diversão, ganha uma fama de um espaço animado e que tem opções para onde sair e se divertir. Além disso, torna-se também um lugar bom para criar os filhos, com opções para se divertir e possibilitar um programa familiar com momentos de felicidade dentro da família. O espaço liga esse momento, contribuindo na construção da memória e dentro dessas opções de diversão estão os esportes que ajudam na construção e colaboração de uma cidade melhor, pois a prática esportiva tem o poder de proporcionar momentos de satisfação, superação, alegria e tristeza ao sujeito do lugar.

2.4 Problemas sociais e a decadência esportiva

Diante de alguns problemas sociais verificados no município de Luís Correia na atualidade, o esporte passa a ter grande relevância. Com a defasagem observada devido à proliferação das drogas lícitas na sociedade, como crack e as popularmente chamadas de ‘pedra’, o descaso social acontece. No cotidiano, é fácil observar a presença de jovens nas esquinas pedindo dinheiro a quem passa para comprar drogas e consumirem. Assim, cria-se um problema a mais, pois agora os drogados se aglomeram ficando ao lado de outras pessoas agonizantes também, que são os desempregados. Consequentemente, as ruas das cidades ficam cheias de gente que esperam por uma solução para elas e o poder público não faz esforços para acabar com isso, muito menos a iniciativa privada, potencializando este problema no meio urbano.

Essas pessoas que estão dependentes deste mal poderiam estar produzindo em algum setor da economia. Entretanto, acabam indo para o lado oposto, passando a se enquadrar e pertencer a uma lógica que é a do capitalismo, haja vista que essas pessoas são produto da sociedade capitalista atual. Em meio a esse desgaste social, o esporte vem como um instrumento de mobilização, onde a sua prática de forma educativa pode funcionar como uma válvula de escape na cidade. Dentro do esporte existem várias condições desde a superação até mesmo a redenção. Em Luís Correia, assim como em outras cidades, as drogas entre os jovens são um tormento no meio familiar, escolar e no trabalho. Hoje o esporte é visto de várias maneiras, como lazer, diversão e educação, pois educadores se apropriaram do

esporte de forma que penetrassem melhor entre os jovens na escola, aproveitando uma cultura em nosso país que é muito forte: o futebol. Todavia, não só o futebol precisa ser trabalhado na cidade, outros esportes que chamem a atenção dos jovens, de forma diversificada, podem ser bem aceitos no meio social. Esta fórmula precisa ganhar novos caminhos na cidade de Luís Correia para combater as drogas entre a juventude e melhorar a convivência na cidade, proporcionando uma cidade mais alegre, divertida e menos agressiva à juventude.

A história oral, um canal de grande utilidade para a proliferação desses discursos esportistas na cidade, é repassada de forma que venha até mesmo a atingir aqueles não amantes do esporte. A história oral é a base de sustentação que dá condições de impedimento de que um dia a memória se apague mediante um esforço de pessoas corajosas que, mesmo sabendo das dificuldades, persistem todos os dias nessa luta para fazer acontecer o esporte na cidade, mesmo com o desinteresse do incentivo do poder público e privado.

Hoje o esporte anda a passos lentos, procurando uma forma de se segurar como uma atividade que proporciona a diversão e o lazer ao mesmo tempo na cidade. Mesmo tendo campeonato anualmente, como o esporte para todos, muita gente acredita que o esporte pode mudar ainda mais as vidas das pessoas, inclusive dos jovens, como foi no passado recente do município. Porém, o desinteresse dos gestores públicos impede que essa área se desenvolva em Luís Correia. Embora existam pessoas que querem e desejam esse desenvolvimento, estas sentem-se impedidas.

Pessoas que goste de fazer e que saiba organizar que até hoje tem pessoas erradas nos setores errados então aquele grupo que já tinha costume de fazer, não faz porque não tem chance, não é convidado, a gente também não vai atrás. Tá faltando pessoas do grupo, pessoas que sejam da própria área no caso o esporte tem que gosta do esporte, futebol, futsal os temos aqui hoje o Edilson que jogou no Parnahyba, tem o Leoncio que jogou então essas pessoas, eu essas pessoas, tem o Durin também, essas pessoas que promoviam jogos, parou porque não tem incentivo e a gente se sente porque quem gosta não está naquele meio de organização tá faltando essa parte de incentivar.

No decorrer do tempo, as modalidades esportivas foram acabando ficando somente as mais expressivas e mais praticadas, proporcionando, assim uma defasagem, já que muitos atletas sentem falta das competições tanto individuais como coletivas.

2.5 O futebol através dos campos de várzeas

Em um jogo se concretiza a parte de uma legitimação dos jogadores quando o jogador, por meio do seu discurso, afirma a importância de uma partida. Dentro de um jogo pode se presenciar uma história e o rumo que ela vai tomar, dependendo da interpretação de quem está presenciado a situação. Essa história pode ficar na memória do sujeito por muito tempo, sendo determinante para isso a importância que a partida tem para o jogador. Para que o jogo venha a acontecer, tem-se em vista os campos, conforme pode ser percebido a seguir.

2.5.1 Campo do Santa Luzia

O campo do Santa Luzia foi e continua sendo importante na história da cidade e para a população do bairro, mas que teve campeonatos organizados por moradores, e que atualmente passa por um grande processo de defasagem. Rodrigues em sua fala coloca a relevância do campo para a cidade e seu estado:

O campo do Santa Luzia onde hoje apenas nem traves acredito que tenha mais, mais a história do futebol passa por esses campos e também esses talentos que temos de Luís Correia dentro do futebol passou pela prática do futebol dentro desses campos mais nada de uma coisa lapidada por falta dessas escolinhas.

Esses campos são de grande valia no processo de desenvolvimento do futebol da cidade, pois, tais campos ficavam encarregados de lançar os talentosos jovens atletas do bairro em si e de outras localidades a partir de campeonatos, além de poder trabalhar o talento desses jovens em seu aprimoramento.

2.5.2 Campo do Piauí

A história do campo do Piauí, assim como o campo das Flores, hoje em dia o Estádio “Duduzão”, foi local de grandes confrontos esportivos, pois, em seu passado, foi um dos principais campos utilizados na cidade de Luís Correia, por ficar no centro da cidade. A partir dos anos 2000, o campo passou a perder seu espaço nos campeonatos por conta da falta do incentivo que fez com que os organizadores parassem de investir, além da defasagem do próprio gramado por conta das chuvas, já que, nos meses chuvosos, o terreno fica alagado. Rodrigues cita a importância do campo em sua época: *“O campo do Piauí aquele campo é histórico né, que é, da nossa juventude que era o campo de hoje era lá”*.

O campo é exaltado por seu valor sentimental e histórico. Por esse motivo a população de seu arredor tem-no com tanto carinho e orgulho. Jovens da redondeza o aproveitam como campo de “pelada” durante a tarde. Este espaço, por seu tamanho e localização já possibilitou o acontecimento dos jogos “Esporte para todos”, evento que engloba várias modalidades. Quando o estádio ficava em obras, o campo do Piauí era o local que a organização utilizava para que os jogos de futebol acontecessem. O campo, por ter dimensões oficiais, era dividido em três campos para os jogos simultâneos.

2.5.3 Campo das Flores

O campo das Flores se tornou o local onde hoje é o Estádio (Duduzão), por conta do espaço e da localização dentro da cidade de Luís Correia. A organização nos anos 80 era feita por um grupo de desportistas e incentivo privado e político. Este campo que foi palco de clássicos de times tradicionais da cidade, times como Vila Nova, que tinha como dono o Sr. Leôncio. Os times nesse período começaram a se espalhar e se fortificar, tendo assim o processo de interação de atletas de localidades e estados vizinhos. Rodrigues informa em sua fala:

Aqui nesse estádio onde era, ainda não tinha o estádio ainda era só o carnaubal ainda não tinha, ficava muita gente também elaborava torneio era de futebol society pra criança pra todos né, um movimento só, nunca deixou de ter o esporte.

Por muitos anos os campeonatos foram organizados pela iniciativa privada e apoiados por prefeitos e vereadores. Essas disputas tomavam uma importância muito grande para a cidade de Luís Correia e localidades vizinhas, que vinham participar do evento. Assim na fala Rodrigues:

Naquele tempo os nossos campeonatos quem fazia era nos mesmo, a prefeitura só fazia incentivar(...) tinha o Hélio que era eu, tinha o Leoncio, o saudoso Mendes Filho popular “Coqueiro” que era radialista grande atleta era quem organizava.

A organização era feita pelos próprios atletas e o crescimento do futebol se tornou imprescindível. Assim, o poder público se prontificou em construir um estádio que se tornaria

um objetivo a ser alcançado para o ápice do esporte. O local escolhido para a construção do estádio foi onde ficava o campo das flores, devido a sua localização e espaço abrangente

3 O FUTEBOL ATRAVÉS DO ESTÁDIO MUNICIPAL MANOEL FREITAS SOARES

3.1 A homenagem

O estádio da cidade necessitava de um nome, e para tal, uma pessoa que se doou para o crescimento esportivo de sua cidade. O nome de Manoel Freitas Soares foi o escolhido. O homem que ficará marcado para sempre na história da cidade de Luís Correia por seus projetos e participações no âmbito esportivo.



Foto 5. Manoel Freitas Soares Fonte: Acervo pessoal da família Soares.

Acima o senhor Manoel Freitas Soares¹⁷, popularmente conhecido como senhor Dudu, foi um caso à parte, haja vista que custeava as despesas com as viagens do time que ia jogar em outras cidades. Por todo o trabalho prestado ao futebol Luiscorreense, o estádio municipal passou a se chamar Dudu em sua homenagem. O estádio é a maior praça de esporte da cidade, onde todos se concentram quando tem jogos, mesmo que de forma tímida.

Seu Dudu é uma figura ilustre da cidade por ter agido entre os esportistas dela. Por meio das narrativas dos entrevistados, podemos perceber que a iniciativa do esporte na cidade acontece à parte do desejo de um grupo de pessoas filhos da terra.

¹⁷ Ex-vereador desportista Manoel Freitas Soares. In memória.

Tal homenagem foi dada para exaltar a importância deste grande homem para a construção e desenvolvimento do esporte para a cidade de Luís Correia. Pollak em seu trabalho coloca: *Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.* Dessa forma, tais feitos não se perdem ao esquecimento, tornando-se sempre lembrado, como na fala de José Paulo:

Ex-vereador desportista Manoel Freitas Soares, o lembrado saudoso Dudu, que hoje dá o nome da nossa principal praça de esporte que é o estádio Duduzão, ele que realmente na época incentivava muito o esporte, leva os times de Luís Correia pra jogar na vizinha cidade de Parnaíba e daí começou a evolução do futebol em nossa cidade.

Contribuindo bastante para a história do esporte de Luís Correia, teve sua vida voltada para essa área, incluindo projetos esportivos, novas ideias e o esporte foi apresentado com a ação desse grupo de jovens, que idealizaram o evento de esporte na cidade, o qual existe desde a sua fundação. O “Esporte para todos” é o nome da maior festa dos atletas na cidade, movimentando os jogadores dos bairros, times organizados e escolas. Essa competição engloba todos os atletas de Luís Correia, desde as crianças, passando pelos jovens, adultos e máster.

3.2 O estádio em Construção

O estádio, por sua vez, foi visto como uma obra imprescindível, pois com o aumento populacional e a expansão imobiliária na década de 90, grandes lotes de terra estavam se esvaindo e o local precisava ser definido. Os campos estavam dando lugar às moradias que a cada dia se multiplicavam. As arenas estavam desaparecendo, os campeonatos de fins de semanas cada vez mais escassos.

A concepção de ter uma praça de eventos para a prática de um esporte colocou o estádio em um patamar muito acima, remetendo a uma ideia de avanço e evolução social. Assim, a percepção da cidade como âmbito social estava, a partir de então, mais completo em sua formação. O olhar de Nascimento sobre a cidade nos ajuda a ver que:

[...] é impensável refletir sobre cidade sem considerar as relações, sem interação. A cidade é sempre uma obra dos homens e se realiza com a atuação da coletividade, mesmo as cidades abandonadas mostram através das ruínas, o registro do desejo e do sonho, da mão humana.

A cidade, nesta perspectiva, é uma construção humana em constante mutação, e que, para tal finalidade, a atuação coletiva é de suma importância. Mesmo as atividades que se tornam ruínas representam a cultura e o que a sociedade tem a mostrar.

O futebol em Luís Correia tinha uma carência a ser suprida quando o assunto era futebol, pois, embora houvesse quatro campos, eram de pequeno porte, o que inviabilizava a realização de grandes eventos. Em vista disso, o estádio foi iniciado em 1989, na administração do prefeito Vicente José dos Santos Ribeiro¹⁸, período em que foram colocadas as primeiras pedras para a construção do muro do estádio.

Dessa forma, o palco de eventos, começou a sair do papel e virar uma realidade, mas levaria anos para ser concluído. Como relata José Paulo, “A inauguração mesmo só veio em 1992, na administração do Professor Antônio de Pádua que era prefeito na época.” Neste mesmo ano, é importante ressaltar que a obra do ginásio poliesportivo de Luís Correia, também, estava sendo concluída.

Ainda em construção, o que viria a ser o estádio já servia para campeonatos na cidade, mesmo sem gramado e demarcação adequada, tendo total interação com a população, participando times do centro da cidade e de localidades vizinhas, como vemos na foto abaixo.



Foto 6. Time Estrela Esporte Clube, no estádio ainda em construção. Fonte: Acervo de Laercio

Como pode ser observado na foto, os jogos aconteciam no campo de terra batida, ao fundo uma parte da arquibancada, a paixão pelo esporte era bem maior do que as péssimas condições do campo ou até mesmo a premiação para o campeão ao fim do torneio. A história

¹⁸ Vicente José dos Santos Ribeiro, Advogado, natural de Luís Correia.

oral, nesse sentido, é de suma importância na construção da história recente do futebol de Luís Correia. Assim, a memória remete ao imaginário coletivo, a história através do ambiente em que é compartilhada, como cita Maurice Halbwachs em seu livro “A memória coletiva”:

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro especial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas representações se sucedem uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1968, p. 143)

O autor relata sobre a construção do espaço como um agente facilitador na construção da história através da memória coletiva podendo, assim, compreender o que não seria possível sem essa interação. Tendo em vista que o estádio municipal “Duduzão” tem apenas 24 anos, e que durante essas quase duas décadas e meia o estádio tornou-se o cenário do futebol.

O estádio conseguiu então a principal praça de eventos, como é colocado por Soares em sua fala: *“Hoje em relação ao futebol nós temos uma praça de esporte bastante, é, prestigiada por torcedores por atletas por termos um bom gramado, temos arquibancadas até certo ponto que possa aconchegar os torcedores e também o nível do futebol Luiscorreense”*.

Passando a ser palco de muitos clássicos e espetáculo, durante os campeonatos que são organizados pela prefeitura de ano a ano, com participações de times dos povoados vizinhos que se deslocam para abrilhantar o campeonato. O “Duduzão”, já foi utilizado para a inclusão de jovens ao esporte, as escolinhas de futebol, as quais utilizavam o campo para a prática do esporte.

3.3 A utilização do Estádio

As escolinhas tiveram durante os anos de 2005 a 2011, uma importância muito grande para o futebol da cidade. Muitos jovens passaram por essas escolinhas para aprimorar o esporte. Os jovens eram aplicados durante o treino, pois eram avaliados também fora deles e dentro da escola. Coloca assim Machado: *“Olha, inclusive chegou a ser colocado em prática*

as chamadas escolinhas eu lembro muito bem que na parte do futsal nós tínhamos 2 ou 3 escolinhas que começavam a preparar desde cedo os jovens para o esporte”.

Essas escolinhas eram a porta de acesso dos jovens atletas para os clubes da cidade e dos povoados vizinhos, os atletas que se destacavam eram convidados para participar dos clubes. A partir do estádio “Duduzão” o futebol Luiscorreense vem se renovando durante os anos. Contando com a participação de diversas categorias esportivas e modalidades, o evento é voltado para a prática de esportes entre todos, como fala Machado:

Eu tenho clareza de que houve o incentivo grande de uma prática efetiva pra que a gente melhorasse, mas ao longo do tempo o desenvolver das coisas, é, foi caindo a produção digamos assim, porque eu me refiro a chegada do esporte para todos na cidade. Um grupo de, de companheiros e filhos da terra incentivados por alguém que tinha conhecimento deste tipo de projeto lá fora, que seria um esporte praticado em massa e o poder público absorveu isso aí e passou a atuar junto com o grupo que tinha pensado no esporte para todos.

Esse grupo de pessoas que idealizou o “Esporte para todos” na cidade de Luís Correia, conseguiu quebrar um comodismo das iniciativas dos esportes, contribuindo com a prática esportiva em massa. Esse evento ocorre de ano em ano, proporcionando a cada edição novos talentos na cidade e servindo como vitrine para que atletas fossem revelados. Essas escolinhas tinham vínculo direto com as escolas, visto que a faixa etária era escolar.

As escolas municipais e estaduais utilizavam o estádio para as práticas esportivas realizadas nas escolas ou no ginásio, iniciativa que proporciona aos alunos, em datas comemorativas, momentos de grande diversão, criando nos jovens o interesse pelo futebol. Dessa forma, os jovens matriculados nas escolas públicas e particulares não tinham que esperar por torneios que acontecem apenas de ano a ano.

No entanto, o esporte na cidade ganha um rumo totalmente diferente do desejo de muitos amantes do esporte, pois a falta de torneios constantes começa a desmotivar os atletas que passam a lamentar a falta de investimento nas atividades esportivas. Contudo, entre a juventude, o esporte resiste com ajuda dos professores às escolas, os quais assumiram um papel importante nesse contexto. Portanto, os eventos esportistas escolares garantem esse movimento entre os atletas e estudantes, assim com o “Esporte para todos” e campeonatos no estádio Duduzão. No entanto, essas competições constantemente têm suas edições interrompidas por falta de investimento da gestão pública, obstruindo assim os jogos escolares que são uma das grandes atrações na cidade, como fala Rodrigues:

Mas nós temos pessoas boas que incentivam a gente ainda né. Agora a única coisa que a gente organiza é nas escolas, aí eu faço torneiozinho, faço interclasse, faço dia de lazer (...) A própria secretaria de educação ela não organiza jogos estudantis que tinha de primeiro né, tinha a independência a semana da independência, tinha os jogos do dia do estudante tudo isso tinha campeonato.

O estádio é de grande proveito para a cidade, não apenas com o campeonato Luiscorreense, mas para as escolas, que organizavam pequenos torneios em datas comemorativas, mantendo assim os alunos ocupados e participando de atividades recreativas.

3.4 O Campeonato

O primeiro campeonato aconteceu em 1994, tendo a participação de 8 times, como é colocado por Laecio Araujo Pinto¹⁹, que na ocasião, era atleta e disputou a primeira competição com o estádio ainda em obras, participando os times: “*Vila Nova, Internacional, Milionário, Estrela, Porto, Cearazinho, Santa Luzia e XV Djaú*”. Ao final do evento os times do Estrela e Vila Nova se enfrentaram na disputa, ficando o título com o Estrela.

A memória, neste contexto, faz-se essencial para a construção, visto que não há trabalhos voltados ao estádio como objeto de pesquisa. Pollak coloca,

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo.

O autor coloca a memória como referência para a vida de cada um que se altera ao se expressar, o mesmo acontece com a memória coletiva, mesmo ela sendo mais organizada. A memória nacional determina datas e acontecimentos para a memória popular. Em Luís Correia, as datas a serem lembradas pela população vêm através dos eventos religiosos, aniversário da cidade, acontecimentos políticos e pelo campeonato Luiscorreense.

¹⁹ Laecio Araujo Pinto. Natural de Luís Correia, 10/05/1967. Profissão: Operador de maquina .

O campeonato então foi a cada ano melhor organizado, no estádio municipal Manoel de Freitas Soares, em que a prefeitura municipal realiza em conjunto com os times, dispondo às agremiações incentivo para participarem do evento como coloca em sua fala José Paulo que,

Em relação aos campeonatos a parte de organização dá-se primeiro com o projeto de custo e de participação de atletas e de quantas equipes, orçamento, questão de arbitragem e premiação e ajuda de deslocamento para as equipes, é, daí a reunião com as equipes, que é o chamado como arbitral que é toda reunião que se faz com os clubes se chama arbitral do qual a gente vai definir como será o regulamento da competição, é feito em comum acordo com todas as equipes no qual é eles que fazem esse regulamento e a gente só dá uma lapidada.

A partir dessa reunião são aplicadas, na prática, as alterações no projeto e os custos no decorrer do evento, visando desde a arbitragem à premiação até o terceiro colocado. Seguindo essa reflexão, acreditamos que devemos incluir um novo agente ao campo futebolístico, que transformou sobremaneira a apresentação do esporte como espetáculo ao público espectador, na forma e especialmente na abrangência: a mídia.

O olhar dos torcedores que acompanham o campeonato Luiscorreense de futebol, que por muitos anos só assistiam a campeonatos indo ao estádio, foi se alterando no decorrer dos anos. A cidade, na segunda metade da década de 90 e na primeira metade dos anos 2000, teve várias rádios, contudo, uma se destacou no meio esportivo, a rádio Alternativa FM, essa obteve maior destaque entre os esportistas ao realizar as transmissões dos jogos.

A estação transmitiu as partidas ao vivo para espectadores que não conseguiram ir ao estádio, assim, tinham uma rádio para acompanharem a transmissão ao vivo na voz do narrador de nome Francisco Alves Pereira, mais conhecido como “Pereira”, a voz desse homem conformava várias pessoas tanto na zona rural como também na zona urbana, esse mecanismo midiático²⁰ ajudou a desenvolver a massificação nessa cidade, bem como outras gestões públicas posteriormente ajudaram a efetivar o futebol na cultura.

Com relação ao transporte havia uma linha de ônibus que rodava na zona rural passando por vários povoados levando os torcedores, de graça, para o estádio. Com essas atitudes das gestões públicas, o futebol, a cada década, vai se transformando para melhor.

²⁰ Lovisolo (2001) comenta que provavelmente o esporte moderno não teria sobrevivido se os jornalistas o tivessem ignorado. Para o autor, os jornais, o rádio, o cinema, os esportistas e os torcedores foram parceiros dos esportes ao longo dos últimos cem anos.

As preocupações com o lazer, a qualidade de vida e o bem-estar são provedores de um mercado em plena expansão, onde o futebol, como espetáculo, surge como um dos principais componentes. Visando o conforto, no ano de 2011, começaram as obras para a implantação da iluminação no estádio municipal²¹, onde os jogos passariam a acontecer à noite em clima mais agradável, atraindo assim, a população aos jogos.

Os jogos, a princípio, eram praticados durante o dia, às quartas-feiras e no domingo, partidas duplas que se iniciavam às 14 horas e terminavam às 18 horas, não podendo ultrapassar esse horário, pois não havia iluminação no estádio. Essa história começou a mudar em 2011, como podemos ver na reportagem do dia 27 de julho do decorrente ano.

Dentro da programação antes da festa na praça, aconteceu a inauguração da iluminação do Estádio Municipal Duduzão, antes nunca feita e o atual prefeito²² foi lá e fez. Agora poderão ser realizados jogos noturnos na cidade, na oportunidade o Secretário de Esportes e Juventude José Paulo anunciou o início do Campeonato de Futebol Amador Masculino 2011, para o dia 20 de agosto.

Desde então os jogos passaram a ter partidas à noite, trazendo assim um clima favorável para atletas, comissão e torcedores, visto que, na cidade litorânea, o clima tende a ser ainda mais quente durante o dia.



Foto 7. Estádio Municipal Manoel Freitas Soares, público no jogo inaugural. Fonte: Agora Parnahyba e Região.

²¹ Como colocado na matéria do dia 27 de Julho de 2011 do site: Agora Parnahyba e Região.

²² O Prefeito Francisco Araújo Galeno

Lembrando que o futebol surge no contexto da era moderna, período que é classificado como uma “sociedade do espetáculo”. Pode-se pensar que o futebol é, desde sua origem, uma representação espetacular dessa sociedade. Para Debord, o espetáculo é a representação da própria sociedade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente, é o âmago do irrealismo da sociedade real. Essa alienação é a essência, segundo ele, e a base da sociedade existente.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. Sob todas as suas formas particulares informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimento o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. (DEBORD, 199, p. 14)

O autor coloca que as manifestações sociais das classes populares vão sendo lapidadas e aperfeiçoadas, tornando-se lazer, diversão e espetáculo para consumo imediato. Desse modo, as manifestações que se prestam melhor à espetacularização são aquelas que vão também merecer maior atenção por parte dos agentes públicos e privados.

O campeonato foi interrompido em 2014, pois o estádio passou por uma nova reforma realizada no Governo Adriane Prado²³ (2013-2016), para a preservação da estrutura e modernização do sistema de iluminação. Esta reforma interrompeu a realização do campeonato Luiscorreense. Obra essa para a evolução esportiva através do estádio Municipal Manoel Freitas Soares.

Entretanto, encontramos toda essa construção cultural em Luís Correia no futebol com as características que vemos atualmente, especialmente em relação às relações comerciais e de produção do entretenimento. Esses fatores foram os combustíveis que impulsionaram o desenvolvimento do futebol na cidade e também foram o fomento em meio às transformações que aconteceram e modelaram o futebol no decorrer do tempo nessa cidade.

²³ Prefeita da cidade nos anos de 2013 a 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante analisar Luís Correia em todo o seu contexto histórico. E as modificações pela qual a cidade passou, mudanças essa que acrescentaram alterações no modo de vida da população não apenas em Luís Correia, mas também em todo o País. O futebol tornou-se a paixão nacional, desenvolvido através dos campinhos, que com o passar das décadas vieram a evoluir e agregar mais esportes além do futebol, criando e se reinventando. A cultura das cidades se modificou, destacando-se a reflexão sobre o impacto do esporte no cotidiano do perímetro urbano e suas melhorias para este espaço.

Visando desde os campos de várzeas e sua organização, a dificuldade dos campeonatos, a participação de times desde a primeira participação no estádio “Duduzão”, como se desenvolveu desde então, a presença do público nos jogos, as transmissões pela rádio e essa nova percepção dos jogos.

Pensando que o esporte dentro da cidade passa por percalços em sua trajetória, o trabalho de crescimento tanto de Luís Correia como do próprio esporte como um todo, seu perfil, que foi apresentado durante esta pesquisa, precisa evoluir muito para que se possa dizer que o trabalho está concluído e para isso acontecer é preciso não só dos poderes públicos e privados, mas também de toda a população.

Temos a certeza que há muito a ser feito para uma melhora no futebol, incentivo a novos campeonatos para alavancar o esporte dentro da cidade. Obter um melhor aproveitamento dos campos de várzeas para que o aumente o nível de tal prática, incentivando o lazer, posto que esta atividade está se perdendo com o tempo, haja vista que é dependente de órgãos municipais para sua realização.

Espera-se que esta pesquisa não se encerre por aqui. Acredita-se que a riqueza da história do esporte na cidade de Luís Correia ainda tem muitas facetas a serem desvendadas e, nesse sentido, acredita-se que este trabalho pode contribuir para a realização de estudos ulteriores. Além disso, convém ressaltar que, para além do futebol e do esporte, muitos aspectos ligados à história desta cidade que estão presentes na memória coletiva e no imaginário popular dos habitantes de Luís Correia ainda carecem de pesquisas mais aprofundadas e feitas com afinco. Dessa forma, os trabalhos desenvolvidos nesta área de estudo serviriam como um fio condutor do resgate e do registro da história deste município que é repleta de riquezas e informações que estão à espera de pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural/** Aleida Assmann tradução: Paulo Soethe. – Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2011.
- CUNHA, Edson. **O Centenário da Parnaíba.** TeresinaPI: [e. ed.], 1952.
- CRUZ, Maria do Socorro de Sousa. **Análise da trajetória do futebol piauiense: da época áurea à decadência.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DE DECCA, Edgar. “**O colonialismo como glória do império**”. In.: REIS FILHO, Daniel Aarão et alli. **O século XX: o tempo das certezas.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- DIAS, Cleber. **O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica Tempo**, vol. 17, núm. 34, enero-junio, 2013, pp. 33-44, Universidade Federal Fluminense Niterói, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167027926004>. Acessado em: 10/10/2015.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- LE GOFF, Jacques. 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LOVISOLO, H.Saudoso **futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia.** In: HELAL, R., SOARES, A.J., LOVISOLO, H., **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria,** Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- MOURA, Mayra Izaura de. **Teresina e o futebol da capital na década 1970.** In: VII Simpósio Nacional de História Cultural. São Paulo – SP, 10 e 14 de Novembro de 2014 2014.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **As múltiplas portas da cidade no centenário de Teresina.** In: Nascimento, Francisco Alcides do. (org.) **Sentimentos e ressentimento em cidades brasileiras.** Teresina: EDUFPI. Imperatriz, MA: Ética, 2010.
- REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares: História do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700 – 1950).** Niterói. 2010. 291 f. Dissertação (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1279.pdf>. Acessado em: 01/12/2014.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – História Oral. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. *Memórias Parnaibanas: Narrativas de Sociabilidades Entre as Décadas De 1930 A 1950*. In: ANPUH – XXVII Simpósio Nacional de história – Natal (RN), 2013. Disponível em:
http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371350755_ARQUIVO_Memoriasparnaibanas_narrativasdesociabilidadesentreosanos1930e1950.pdf. Acessado em: 01/12/2014.

FONTES ORAIS

Nome: Helisomar Eloi Rodrigues. Natural de Luís Correia, 25/12/1961. Profissão: Professor. Entrevista realizada: 28/10/2015. A entrevista foi realizada na casa do entrevistado.

Nome: José Paulo Cardoso Soares. Natural de Luís Correia tenho uma vida dedicada ao esporte tenho 47 anos de idade. Entrevista realizada: 24/11/2015. A entrevista foi realizada na casa do próprio entrevistado.

Nome: José Machado. Natural de Parnaíba, 23/04/1949. Profissão: Professora aposentado. Entrevista realizada: 24/11/2015. A entrevista foi realizada na casa do entrevistado.

FONTE ESCRITA

Laecio Araujo Pinto. Natural de Luís Correia, 10/05/1967. Profissão: Operador de maquina em uma firma de gelo. Realizada: 04/02/2017.

SITES

<http://agoraparnaibaeregiao.blogspot.com.br/2011/07/inaugurado-iluminacao-do-estadio.html>
<http://180graus.com/luis-correia/estadio-municipal-duduzao-sera-iluminado-na-proxima-semana-440693.html>